



Director, proprietario e administrador—José da Silva Vieira
Composto e impresso na **Typographia Espozendense**—ESPOZENDE
Editor—*Manoel Gomes da Costa Freitas*

N.º 373

18 de Junho de 1914.

ANNO 8

Assignatura
Anno, sem estampilha 1\$200 rs. § Com estampilha 1\$360 rs.
Numero avulso 40 rs. § Brazil, (m. forte) 2\$500 rs.

SEMANARIO REPUBLICANO EVOLUCIONISTA—
DEFENSOR DOS INTERESSES DESTA CONCELHO

FUNDAÇÃO D'ESTE JORNAL
1886

Annuncios

Linha, ou espaço de linha a 40 reis § Comunicados ou reclames (secções) 6 rs.
Os assignantes tem 25.º de desconto. § Imposto do sello (cada publicação) 10 rs.
Annunciam-se todas as obras literarias ou scientificas das quaes nos envie um exemplar.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA VEIGA BEIRÃO—ESPOZENDE

O PORTO DE ABRIGO-COMERCIAL DOS CAVALOS DE FÃO.

Quando demos por findas as nossas observações referentes ao artigo «Porto de Leixões» do nosso colega «O Primeiro de Janeiro», de 3 de Maio de 1914, deixamos de reserva alguns argumentos para apresentar na trepica. Visto, porem, o silencio a que se remeteu o illustre colega, expandimol-os hoje em defezo do porto d'abrigo-comercial dos Cavalos de Fão secretarioando-nos com a autoridade dos illustres engenheiros Adolfo Loureiro e Carvalho da Assumpção e mais diversos colegas seus, não enumerando aqueloutros, cuja autoridade já evocamos em diversos artigos.

Diz o illustre Loureiro no seu repositório de portos marítimos de Portugal, referindo-se ao porto do Cavado—«Este porto, o unico do distrito administrativo de Braga, tem direitos á consideração dos poderes publicos. O que o illustre en-

genheiro diz a respeito do porto do Cavado, com maioria de razão se deve entender acerca do porto dos Cavalos. Porque seria que o illustre engenheiro nao fez referencia aos Cavalos de Fão, junto ao porto do Cavado? Por ventura desconhecia a historia antiquissima e laudatoria dos Cavalos de Fão? Acaso ignorava que aximios engenheiros se tem referido a este porto, em caminho de dous seculos?...

O illustre engenheiro Assumpção, quando, em fins de Maio ultimo, veio em visita aos «Cavalos de Fão» em companhia do snr. Licinio Guimarães, conductor d'obras publicas, e de Mr. William C. Tait, do Porto, ficou maravilhado com os excelentes requisitos naturaes que oferecem os Cavalos de Fão para um porto d'abrigo; dizendo, aos illustres Espozendenses que os acompanharam, que de bom grado siria preceder aos estudos e trabalhos para tal fim.

O distincto engenheiro Hugo de Lacerda é de parecer que o porto dos Cavalos, a que assigna tres entradas, poderia prestar serviços ao comercio em geral; e afirma que o assumpto merece ser estudado cuidadosamente.

Modernamente, estes «Cavalos de Fão» são considerados pela nossa Marinha de Guerra, co-

mo um abrigo importante para tropezeiros.

O grande engenheiro Baldaque da Silva, no seu livro «Estado actual das Pescas em Portugal» diz dos «Cavalos de Fão» o seguinte—«A situação dos «Cavalos de Fão» e a profundidade que ha entre elles e a costa, prestam-se excellentemente á construcção, neste ponto, de um refugio ou abrigo para valer ás embarcações de pesca e até a navios quando houvesse tempestade na costa N. do continente. Para este fim termina elle — «possue condições muito superiores aos Leixões do Porto.»

No roteiro de Pimentel de 1762, já se dizia que havia no local dos «Cavalos de Fão» surgidouro para casos de necessidade, mas que para o demandar era necessario conhecer bem a região.

O quartel mestre general Custodio de Villas-Boas, em 1801 procedeu a estudos e trabalhos conscienciosos nos «Cavalos de Fão», em cujos estudos e trabalhos se inspiraram engenheiros modernos dos mais distinctos, que orçaram as despesas a fazer com um porto d'abrigo entre 500 a 1:000 contos!!!

Em conclusão, apresentamos a inquestionavel autoridade da «Liga Naval Portuguesa» boletim marítimo publicado pelo Concelho Geral, de junho de 1913.

seus filosofos, os seus desiludidos, como na cidade. A um ouvi eu, e era dos melhores trovistas do sitio, ceair-se depois de instado, dizendo:

Não canto por bem cantar,
Nem por ter falas de amante;
Só canto por dar o gosto
A quem me pede que eu cante.

Esta quadra era um remoque folhetinistico ás inumeras declarações amorosas que n'aquella tarde se tinham feito no bailarico.

A ceifa, a vindima, sobretudo as descamisadas, são as epocas florescentes da poesia saloia; são o rapido mais glorioso reinado de Augusto das letras campesinás! Que intelligente e surranteiro comercio de olhares? que furtivos apertos de mão! que magoa dos queixumes! que temerias perguntas! que satiricas réplicas senão ouvem então.

Quando o sov'reiro der baga,
É o loureiro der cortiça,
Então te amarei, meu bem,
Se não me der a preguica!

Ao desalmado, ao Lovelace que assim se descartava em pleno baile de roda da pobre moçoila que não via cá n'este mundo outro sol mais que o seu Manoel ouvira eu ainda no domingo anterior esta trova so-

Um dos seus dizeres é este — «Pois os «Cavalos de Fão» prestam-se ás mil maravilhas para a construcção d'um porto de refugio acessivel em todas as circunstancias de mar e vento; e tanto assim que os pescadores da região, que bem conhecem as pedras, nos garantiram que, seja qual for a furia da tempestade, barco que consiga por-se a solavento dos «Cavalos» cae num lago d'aguas tranquilas.»

E termina por este longo trecho—«O Porto ignorava talvez isto. E' forçoso que se convença de que as suas obras de Leixões principiaram por custar 4:500 e terminaram por ficar por 20:000, ao passo que estas aqui, para utilidade do Porto e de nós todos, custarão uma ridicularia que pode variar de 500 a 1:000 contos.»

Mas o que o Porto sem duvida não fica desde já ignorando, é o maximo interesse e economia que advirão da construcção d'um porto d'abrigo nos «Cavalos de Fão». Não fica desde hoje ignorando a superioridade que já agora aquella simples restinga de rochedos oferece sobre o avariado porto de Leixões. E como nós queremos fazer á cidade invicta a justiça de a considerarmos iminentemente patriótica e desinteressada a ponto de collocar os sagrados interesses da pa-

tria acima dos limitados interesses regionaes, nós a ella neste momento nos dirigimós para que reconsidere no gasto de milhares de contos que perdulariamente vae encetar na construcção de Leixões. Não hesitem os portuenses, mesmo em nome dos seus interesses proprios em pedir que se construa um porto d'abrigo nos «Cavalos».

O Porto lucrará com isso; concentrará elle o emporio comercial do norte, a que o porto dos «Cavalos» ficará anexo, e cujo movimento ajudará a desenvolver. Não é tão grande a distancia que separa o Porto.

E augmentando assim esta laboriosa cidade a sua esphera d'acção até Espozende nós não vemos em que podessem ser feridos os interesses vtaes do Porto, com a construcção do porto dos «Cavalos».

Ninguém pode apresentar um argumento que faça ruir por terra o solido argumento d'essa muralha inabalavel de granito que se ergue em frente a Espozende.

Por isso clamamos e clamaremos, com toda a convicção e calor, com todas as forças que a nossa patriótica voz nos insufflar, que em nome do bem da Nação, urge que se construa de preferencia a Leixões, um porto de abrigo nos «Cavalos de Fão». Ur-

Depois continuou:

Quem tem meninos no berço
Por força lhe ha de cantar;
Quantas vezes canto eu
Com vontade de chorar!

E' porque ella, como tu, tambem arrastava a sua cruz de martirio cá na terra. A mal casada lhe chamavam, não que o pecado fosse d'ella, mas porque desacertara na escolha do marido, a quem eu lhe ouvira pedir ingenuamente um anno antes:

Se fôres domingo á missa,
Põe-te em parte que eu te veja,
Não faças andar meus olhos
Em leilão pela egreja

N'esta trova estava inteiro o coração de tua pobre irmã—a virtude e o amor! Quem lhe diria a ella, ainda hontem noiva festejada já hoje mãe abandonada, que a tristeza lh'a havia de trazer aquella a quem cantara:

Se eu soubera que voando
Alcançava o que desejo,
Mandava fazer as azas,
Que as penas são de sobejo!

Agora as unicas azas que a cativavam são as do anjo que recolhidas

FOLHETIM

A POESIA POPULAR

NOS

CAMPOS

Peço licença para apresentar aos meus leitores o primeiro poeta d'esta terra—o povo.

Conheci-o a fundo n'estes dous ultimos verões, quer como espectador atento dos bailes de rodas, dançados ao domingo no terreiro, quer como ouvinte entusiasta das desgarradas á viola cantadas pelas calmosas e apaixonadas noites de agosto, quando o murmuro dos riachos e o ciciar convidam o espirito á melancolia, e o coração ao amor do bom e do bello.

Os campos são, desde Teocrito e Virgilio, a imperação da verdadeira poesia, da que se não a maneira presumida na adolescencia, nem se arrebrica de postigas e mentirosas galas.

O homem do Arado e da charra, antes da sciencia lhe ter poupado o suor do rosto; inventando novos instrumentos agrarios e aperfeiçoando os antigos, era, nem podia deixar de ser, o poeta por ex-

ge em nome dos interesses da navegação nacional, urge em nome dos interesses da navegação mundial, que bastas vezes se tem arreçado de utilizar-se do porto de Leixões; urge em nome da prosperidade e desenvolvimento do paiz, pois o que se está vendendo é o desvio da escala dos vapores para outros portos estrangeiros, á mingua de porto sufficiente ao norte de Portugal.

E, uma coisa que pelo menos desde já se pode fazer, e indubitavelmente com mais economia do que na Figueira da Foz, que desta vez também vai conseguir uma enormidade de contos de reis para fazer inutilmente face a um assoreamento que sempre ha de existir—é o desvio da foz do Cavado, na forma indicada na planta. Não é grande a despesa. Meia centena de braços e uma boa draga faziam esse serviço em pouco tempo. A duna tem apenas ali 150 ou 200 metros de largura. Para cortar 200:000 metros cubicos de areia não é caso de se pensar na eternidade. As areias retiradas serviriam para espreiar e intercepar o rio pelo norte.

A foz do Cavado assim desviada desde já tornaria a barrá franca. Poderiam entrar já embarcações de consideravel tonelagem, como entram em Vianna e na Figueira pelo menos. E' como pensa a illustrada Liga Naval Portuguesa.

A illustra «Revista Colonial», em diversos numeros, afina pela mesma ordem de ideias com a Liga Naval Portuguesa.

Descretemos um pouco sobre estas palavras da Liga Naval—E' forçoso que se convença (o Porto) de que as suas obras de Leixões principiaram por custar 4:500 contos e terminaram por ficar por 20:000 contos—

De tanto não sabíamos nós!!! Já é execranda e escandalosissima comedela!...

Adicionando a este escandaloso numero mais 4:000 contos (aféra o que ignoramos) para despesas ultteriores á sua terminação, dá o resultado de 24:000 contos em moeda portugueza, por quanto nos está até ao presente o porto d'abrigo de Leixões!!!...

E todo este dinheiro para qué?! Para possuirmos em a nossa costa maritima do norte um

as tem no berço, mas que ella teme levantem o vôo, e a deixem cá a' este mundo sosinha e sem conforto.

Mas deixemos as tristezas aldeãs, e voltemos ao terreiro a escutar mais desenfastiadas trovas, e mais engenhosos conceitos. Vêem alem aquelle rapazote de jaleco de bombazina azul, cinta vermelha, botões de ouro na goleira? E' o primeiro dançador de fandango do logar, o primeiro versista do concelho, o primeiro copo do districto.

Ensarilha uma feira a pau, lava com bois proprios, traz ao terço uma terra do fidalgo, e já foi dous annos mordomo da festa de Santo Antão, a mais pagã, das festas do districto de Torres Vedras.

Ouçam-n'o, que traz de olho uma franga da freguezia, que vai mais vezes á brincadeira que ao con-usso, e que elle projecta estramarhar do rebanho do Senhor, como já o cura lhe expôbrára na ultima prédica domingueira.

A rapariga não é bonita, mas para o poeta não ha difficuldades; até na fealdade acha recursos com que justifica-se. Ouçam-n'o:

Entre pedras e pedrinhas
Nascem raminhos de salsa,
Pega-te á feia que é firme,
Deixa a bonita que é falsa.

cemiterio para cascos de navios, e um coval para cadáveres de paes e filhos e de mães e filhas!...

Que tal está a fraternidade do Porto e os seus sentimentos humanitarios?!

E vá a gente insuflar-se na fraternidade do estrenuo defensor dos interesses do norte, ainda emperrado o sorver a largos tragos o nosso suor, e a sugar avidamente as nossas parcas economias, deixando-nos a morrer de fome!...

O Porto ainda terá o descaro de pedir ao Tesouro mais melhoramentos para a sua cidade invicta (na prepotencia)?...

Acaso haverá, ainda, entre os portuenses quem levante a sua voz na preconisação de Leixões?!... Se ha, ajusta-lhe bem a carapuça de «Tiipeiro».

Portuguezes! que presaes o vosso nome e a vossa dignidade; e as regalias da vossa valentia, levantemo-nos n'um só portuguez para extirparmos esse famelico cancro que mais corroe as visceras do Erario publico.

E vós povos do alto norte, inspira-vos n'esta tristissima ordem de ideias e dizei da vossa justiça!...

Morrámos, embora, mas acabemos luctando pelo porto de abrigo-comercial dos «Cavalos de Fão».

Chaves Coupon

Rectificando

Por um lapço de revisão deixamos passar no nosso numero passado uma incorrecção que convem rectificar. E' onde se diz que a Camara, em sessão conjuncta «resolveu protestar...» etc. Não é isso. Foi apenas a commissão executiva e com dois dos seus membros ausentes. De resto—podemos garantir-o a Camara talvez em maioria reprova a acta em que tal foi resolvido não lhe convindo comunhão de opiniões com os snrs. Firmino, Carvalho & C.^a

CARTA ABERTA

Ao illustre Presidente do Ministerio Ex.^{mo} Dr. Bernardino Machado.

A V. Ex.^a, que dirige neste momento historico os destinos do nosso glorioso paiz, vem o abaixo assinado, reitor da freguezia das Marinhas, do concelho de Espozende, queixar-se do procedimento incorrecto, para não dizer escandaloso, do administrador do mesmo concelho, Hermenegildo Pereira, pela protecção dada ao secretario de Finanças, Eugenio Diniz de Andrade Ferreira, que o agrediu, cobarde e traçoceiramente, ao escurecer da tarde do dia 15 do corrente, em sitio ermo, quando descaçadamente se dirigia para a sua residencia.

O agressor, no acto do conflito, foi preso, quando tentava fugir, pelo soldado n.º 136, da Guarda Republicana, destacada em Espozende, que o entregou no respectivo posto, conservando-o ali até altas horas da noite, sendo depois entregue ao administrador do concelho.

¿O que pensa V. Ex.^a que fez essa autoridade com esse criminoso?

Em lugar de o meter na cadeia, como era seu dever, mandou-o escondidamente para sua casa, pela calada da noite, para assim evitar que a ira popular o justicasse. Um cumulo!

Essa autoridade esquecendo que estava sob as ordens de V. Ex.^a que subiu ao poder para apaziguar as dissidencias da grande familia portuguesa, tem dado o braço aos homens do democraticismo deste concelho, odientos e maus, e não teve pejo, logo na manhã seguinte, andar em exposição com o herói do negregado atentado praticado na minha pessoa. E é por isto que o povo deste concelho revoltado com essa honcora administrativa dizia por toda a parte:—«é mais um crime impune!»

V. Ex.^a, que é um perfeito homem de bem, deve mandar sin-dicar os factos por mim apontados, e dar, depois do apuramento da verdade, o devido correctivo a quem não soube corresponder ao seu espirito tolerante e pacificador.

Creia V. Ex.^a que um pequeno bando de homens, sem autoridade moral, entendeu que só pelo terror e violéncia se poderia impôr á consciencia da maioria dos cidadãos deste concelho, que os despreza pela fórma draconiana como têm procedido.

O que se tem dado neste pequeno rincão é espantoso, como passo a demonstrar.

Eu fui vilmente perseguido, tendo por diversas vezes a minha casa assaltada, ora de dia, ora de noite, e por fim levado para Braga, onde estive preso no presidio de S. Barnabé, por espaço de cento e dez dias, como conspirador, sem nunca atentar pelo mais pequeno acto contra a Republica.

A minha prisão foi motivada pelo odio d'alguem que, foi meu companheiro politico n'outros tempos, e que não via com bons olhos a influencia que eu tinha e sempre conservei. Tratou, por isso, de me aniquilar acusando-me falsamente como adversario do actual regime.

E' preciso notar a V. Ex.^a que neste concelho, em todas as incursões monarchicas, não houve uma só arvore cortada nem um poste telegrafico derrubado. O povo de Espozende é, por indole, pacifico e respeitador.

O «Complot de Espozende» apenas existiu na fantasia e nos instinctos maus duns falsos apostolos da democracia. E a prova do que digo é que tanto eu como os meus companheiros de infortunio fomos absolvidos por unanimidade pelo tribunal de guerra em Braga, composto por distintos officiaes do nosso brioso exercito.

Mas, apesar de absolvido do crime, que aleivosamente me imputaram, até á presente data, ainda não estou de posse do meu registo parochial, de que foi injustamente expoliado, e talvez que fôsse esse o pómo apetecido que motivou a minha prisão para assim ser beneficiado, á minha custa, o official do registo civil, Dr. Motta, que foi uma das testemunhas de accusação no meu processo. Uma santa creatura!

Agora vou muito respeitosa-mente declarar a V. Ex.^a os motivos, pelos quais sou odiado e

perseguido pelo secretario de Finanças deste concelho.

Desde que expliquei ao povo da minha freguezia o decreto de 24 de Maio de 1911, o homem enfureceu-se de tal modo contra mim que nunca mais me pôde tragar, dizendo por toda a parte que eu, com esse proceder, lhe cerceei grandes interesses. N'isso não menti, porque o povo rustico, que ignorava essa lei, desde então deixou de pagar as multas por falta de participação quando falecia qualquer pessoa de familia sujuita a contribuição de registo por titulo gratuito.

Para V. Ex.^a avaliar da honestidade deste funcionario, basta dizer-lhe que houve casas que pagaram quatro e cinco multas, só porque o cabeça de casal não deu a competente participação.

Na ultima eleição de parochia da minha freguezia teve o cynico descaro de vir de Espozende aqui e afastar da urna varios eleitores que o não queriam acompanhar, mas que se retiraram do acto eleitoral com receio das suas ameaças e com mêlo que ele lhes tirasse a camisa com os condenaveis processos fiscaes de que faz uzo para seu governo. Já aí me ameaçou de pistola em punho, evitando eu, com a minha prudéncia, um grave conflito que podia dar-se.

Fui também multado, por sua ordem, quando prezo, e sob futeis pretextos pelo candongueiro fiscal dos impostos, Celestino de Carvalho, que era ao mesmo tempo o homem que ímpingia aos taberneiros o vinho falsificado que o seu superior fabricava na sua adegá.

¡Uma immoralidade!
O secretario das Finanças tem concitado contra si o odio do contribuinte, porque só trata de o explorar em seu proveito, servindo ao mesmo tempo de instrumento politico nas mãos dos potentados do democraticismo da terra.

Os carros, os cavalos e todo o luxo que possui são o fruto das suas gentilezas á custa das lagrimas do pobre contribuinte.

Peço a V. Ex.^a, ao sr. Ministro das Finanças, que mandem sindicá os actos deste funcionario, por pessoas dignas e honestas, e então se verá o sudario repelente das suas enormes torpezas.

Eu tomo a responsabilidade do que digo e comprometo-me a mostrar, em nome da justiça e do decoro publico, os crimes e dólors praticados na repartição de Finanças concelhia, de que é chefe o snr. Eugenio Ferreira.

Justiça é o que pede o Padre Manoel Martins Giesteira. Espozende, 28 de Maio de 1914.

SEM COMMENTARIOS

Uma exautoração

Nós abaixo assignados, vereadores da Camara Municipal de Espozende, declaramos que não estamos d'accordo com a deliberação tomada pela maioria da Commissão executiva da mesma em sessão de 23 de maio, e na parte respeitante ao conflicto havido entre os snrs. parochio das Marinhas e secretario de finanças d'este concelho com

o qual o Camara nada tem.

Fão 13 de junho de 1914.
Manoel Gonçalves Pereira
P.^o Emilio Fernandes Fradique
José Joaquim Affonso

Nós, abaixo assignados, vereadores da Camara Municipal de Espozende, declaramos que não approvamos nem nos conformamos com a parte da acta da sessão de 23 de maio findo, subscripta apenas pela commissão executiva, na parte em que se refere ao confito havido entre o reitor das Marinhas e o secretario de finanças d'este concelho, por nenhuma competencia ter ella de insultar ninguem nem de se ingerir em vidas ou negocios particulares. Temos pelo snr. Reitor das Marinhas a maior consideração e respeito, por sêr um homem de bem e sentimos não poder dizer o mesmo do seu aggressor. Autorisamos publicação.

Espozende 12 de junho de 1914

José Vaz Salleiro
Manoel Antonio de Miranda
Lino dos Santos Figueiredo
Antonio Alves de Faria
Albino Martins Capitão («assignei a acta na boa fé»)
José Fernandes d'Azevedo («assignei a acta na boa fé»)

Nota. Os vereadores que assignaram de boa fé não assistiram á sessão. Levaram-lhe o livro a casa. E o vereador Paulo Dias dos Santos também não assistiu, mas prestou-se no dia immediato a assignar a acta e tudo o mais que preciso fôsse.

Meu Caro Amigo

Em resposta á sua carta tenho a dizer-lhe que não assisti á sessão em que se pede a sua expulsão. Se lá estivesse tenha a certeza que votaria contra. Protesto contra semelhante resolução. Faça o meu amigo d'esta o uso que lhe convier.

S. Claudio 14 de junho de 1914
Seu am.^o mt.^o obrd.^o
P.^o Carlos Pereira da Fonseca Lima

Ex.^{mo} Snr. Reitor das Marinhas

Declaro a V. Ex.^a que não assisti á sessão da Camara em que se pediu ao Governo a sua expulsão.

Não pertenço á commissão executiva; mas, se pertencesse, votava contra. Protesto contra a acta na parte que se refere a V. Ex.^a e ao escrivão de Fazenda. Faça V. Ex.^a d'esta o uso que quizer.

De V. Ex.^a mt.^o v.^o
Antonio Francisco Ramos

Meu Caro Amigo

Em resposta á sua carta sou a dizer-lhe que não faço parte da commissão executiva, mas se tal resolução se tivesse dado em sessão conjuncta votava contra. Protesto contra essa acta e pedido de expulsão. O meu caro amigo faça d'esta o uso que quizer.

Seu muito amigo
Manoel Alves da Costa.
Villa Chã, 14-6-1914.

Ainda bem que nem tudo é pôdre. A infamia fica sendo apenas subscripta por cinco membros da commissão executiva,

Amigo Snr. Vieira

Muito grato lhe fico pela publicação no seu lido jornal o seguinte:

Ne quid nimis

No seu conceituado jornal de 11 do corrente mez vem logo na primeira columna um artigo intitulado «Uma arbitrariedade», do qual transcrevo o seguinte: «A Camara Municipal do Concelho de Espozende. acaba de resolver em sessão conjuncta de 30 de Maio passado, protestar junto do Governo da Nação, por intermedio da sua commissão executiva contra a permanencia do Snr. Reitor das Marinhãs n'este concelho, etc.»

D'esta informação se conclue que houve sessão conjuncta onde se deliberou fazer tal protesto, entregando-se á Commissão executiva o poder de o cumprir. Como membro da Camara Conjuncta e para bem da verdade, tenho a declarar que tal sessão não se realisou, ao menos que eu fosse sábedor e não me consta o contrario, não tendo portanto rasão de ser tal informação nem os arrasoados que n'outra local vem a meu respeito. *Ne quid nimis.*

Para bem da verdade espero a publicação d'esta no seu conceituado jornal.

Apulia 16-6-14.

Seu am.º obrg.º

P.º Emilio Fernandes Fradique.

FÃO, 17.

Chamam-se francezes a uma certa classe de gente que se aproveitam muito arteiramente da boa-fé e ignorancia dos simples para os explorarem a seu bel-prazer; não só dos simples, mas, tambem dos que embora intelligentes cahem-lhe nas aduncas garras por confiarem em tão nojentos intrujões.

Tem labia e boas fallas emquanto a adextrada mão se introduz surrateiramente nas algibeiras dos confiados.

E o desgraçado depois que se vê roubado, não tem remedio senão calarem-se; para não rirem-se ainda em cima as desavergonhadissimas caras, outros ha que não dando pela cousa á primeira vez, cahem segunda e dando por ella então, lamentam-se batendo contractamente no peito; e estarrécidos fazem calculos de quanto teriam sido victimados pelos taes francezes na primeira vez.

Não se lembram esses loquutores do suor alheio de que podem cair na miseria e que terão talvez de pedir uma esmóla a esses que elles agora enganam, tão deslavadamente? . . .

E ainda talvez haja corações condoidos (embora victimas) que generosamente auxiliassem com um obulo esses desonestos que hoje os exploram.

Tudo é crível e tambem fallivel no nosso orbe. Assim a confiança e honradez que se dispensava a um ente que se suppunha honesto, pode de repente transformar-se em repulsão e desprezo.

A adjectivação da lingua portugueza que dizem rica, é pobre contudo para nos limites da decencia classificar esses «José do Telhado».

O desabafo por parte das victimas impunha-se, mas, essas coitadinhas tinham tal medo, as latras farroucas gananciosas, que tranquilo que tranzidas limitavam-se a murmurar lacriminosamente aos parentes a ratices que lhes fôra feita.

Aqui fica o registo das queixas que sei; tome juizo e procure ser honrado, não custa muito e lucrará muito mais pois subirá no conceito dos homens que até hoje o não consideram como equal.

—Continuam as bruxas cá da terra com a pratica nojenta e abjecta feitiçaria, não sei o que me parece a estupidez maldosa d'essas sceleradas. Que fé tem ellas com esses inoffensivos e pórços *ingrimanços* para á meia noite collocarem nos caminhos?

Uma conheço, quero dizer que é apontada como tal, que vae á igreja; é uma das ultimas a sair e (vejam bem) quando passa pela pia de agua benta em vez de molhar as pontas dos dedos como manda o ritual, ensopa o lenço que cuidadosamente embrulha n'outro e lá vae muito apressada para casa; d'ahi a dois ou tres dias aparece o *ingrimanço*.

Deus o divino martyr do Calvario, Redemptor do genero humano, Salvador da humanidade em geral, servindo por meio de uma feitiçeira, aos abjectos e desconhecidos designios do Rei das Trevas?

Parece que nos transportaram ao tempo de Luiz XVI em que os Mesmer e os Cagliostros de saias mettem medo aos ridiculos barbados actuaes.

A bom vergalho.

—Retirou-se no dia 13 para a Povoia o nosso presado amigo e distincto pharmaceutico Snr. Avelino da Costa Faria que nos veio trazer as suas despedidas e nos pediu a publicação do seguinte:

«Avelino da Costa Faria, na impossibilidade de fazer pessoalmente, vem por este meio despedir-se de todos as pessoas das suas relações, amigos e freguezes, agradecendo a todos as atenções que lhe tem dispensado.

A pharmacia Moderna, (cicero) continua sendo propriedade sua e por isso pede a todos os seus amigos e freguezes que como até hoje, continuem o fazer-lhe o favor das suas preferencias e atenções.

Que encontre o nosso querido amigo, aquillo que procura são os nossos maiores desejos.

Felicidades.

—Chegou no dia 13 a Fão o ex.º snr. Francisco de Campos Moraes um dos bamfeitores da nossa pequenina terra; que a alegria, de ver o pequenino torrão que lhe serviu de berço, o faça esquecer as muitas ingratições porque tem passado injustamente.

Uma grande demora, junto a uma boa saude assim

como a sua ex.ª Familia são os nossos sinceros desejos.

Foram esperar o nosso distincto conterraneo os srs. Prior Luiz Fernandes de Azevedo, Antonio Moraes, Paulo Dias dos Santos, João Victor Carneiro, Manoel Joaquim Moraes, dr. Manoel Oliveira Pinto e muitos outros de que infelizmente não podemos obter os nomes.

—Pede-nos um amigo a publicação da seguinte:

FANTASIA

Dedicada a alguém que affirmou que escrevemos em linguagem latrinaria.

Como queria V. Ex.ª que classificassemos um individuo qualquer que tivesse em seu negocio pesos viciados?

Assim?

A civilização que no decorrer dos tempos tudo avassala; e devido tambem á grande aglomeração de pessoas n'um só ponto a viverem de uma população pauperrima, fez o ex.º snr. Fulano de tal, para adquirir consumidores para o seu acreditado estabelecimento adulterar ligeiramente em tres grãos de chumbo apenas os pesos com que negociava.

Não achamos que o crime, crime não; não achamos que a habilidade do snr. Fulano de tal seja illegal por qualquer ponto de vista com que encaremos o negocio. A differença do peso está no fiel do baixo preço com que o consumidor paga; e os concorrentes do honesto sr. Fulano de tal são tantos, que justo se tornava que um rapaz do seculo, intelligente e audaz se lembrasse com o guiso inventivo que tem, encontrar um meio moderno de ganhar a vida.

Os rotineiros que vendem com o pezo legal, levando embóra mais alguma cousa são raros, mais ainda existem felizmente para quem compra.

Acha que a ladroeira está assim em linguagem decente ex.ª. E será n'esse estylo que classificaremos todos aquellos que delinquirem d'hoje p'º futuro.

Assim não incorreremos nas iras de tão gentil creatura; seria para nós desairoso que a fina ironia de V. Ex.ª novamente nos causticasse...

Comarca de Espozende

EDITOS DE TRINTA DIAS

2.ª publicação

P

AÇO saber por este juizo e cartorio do escrivão do terceiro officio—J. Vinha,

correm editos de 30 dias a contar da segunda e ultima publicação do respectivo annuncio citando Antonio da Silva Barreiro, solteiro, maior, ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brasil, para assistir a todos os termos do inventario orphanologico a que se procede neste Juizo

A PEROLA ESPOZENDENSE

Novo Estabelecimento de Fazendas

ANTIGA CASA VIUVA VALLERIO

Rua Veiga Beirão (Antiga Rua Direita)

ESPOZENDE

Esta casa, unica no seu genero pelo seu variado sortido, acaba de receber diversos tecidos de novidade e artigos proprios da presente estação.

Não menciono artigos nem preços das fazendas, por ser difficil innumerálos no presente annuncio.

Espera a costumada visita dos seus Ex.ºs freguezes e do publico em geral.

o proprietario, **Aracio Costa.**

Carvão para debulhas

de **CARDIFF** e de **NEWCASTLE**, qualidades especificas para queimar nas debulhadoras a preços resumidos.

TEEM CONSTANTEMENTE VAPORES A DESCARGA.

Egualmente com carvão para **FORJA**, **COKE DE FUNDIÇÃO COKE PARA COSINHA E ANTERACITE** da qualidade bem conhecida **"GREAT MOUTAIN"**, para motores a gaz pobre.

PEDIDOS A:

O. HEROLD & Cia
Rua da Prata Nr. 14
LISBOA

O. HEROLD & Cia
R. Nova d'Alfandega 22
PORTO

por obito de sua mãe Rosa Maria de Carvalho ou Rosa de Carvalho, casada e moradora que foi com o inventariante Manoel José da Silva Barreiro, na freguesia de Rio Tinto.

Espozende 5 de Junho de 1914.

O Escrivão do 3.º officio

João Gomes Vinha

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Leal Sampaio.

co a que se procede por obito de Rosa Alves Martins, casada e moradora que foi, com o inventariante Joaquim Gomes Lagoéla, na freguezia de Gandra, desta comarca, sob pena de revelia.

Espozende, 30 de Maio de 1914.

O escrivão ajudante do 1.º officio.

João Fernandes de Faria

Vasconcellos

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Leal Sampaio

Comarca de Espozende

EDITOS DE TRINTA DIAS

2.ª publicação

P

elõ Juizo de Direito desta comarca e cartorio do primeiro officio — correm editos de trinta dias a contar da segunda e ultima publicação d'este annuncio, citando Antonio Gonçalves da Costa, ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para como interessado assistir a todos os termos até final do inventario orphanologi-

REVISTA DO MINHO

publicação quinzenal

para o estudo das tradições populares dirigida por

José da Silva Vieira

collaborada por todos os folkloristas portuguezes e estrangeiros

Assignatura

Anno, Portugal. 600

Estrangeiro 1:000

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empresa da Revista do Minho ou ao seu director, José da Silva Vieira.—ESPOZENDE.

TYPOGRAPHIA E LIVRARIA ESPOZENDENSE

DE

JOSE DA SILVA VIEIRA

RUA VEIGA BEIRA 71 A 9

ESPOZENDE

O maior depósito de impressos da Província do Minho

A nossa officina montada com todos os mecanismos e typos o que ha de mais moderno na arte de imprimir e a que atualmente fornece de impressos a maioria das repartições publicas, do norte do pais, por preços inferiores a todas as suas mais congeneres, rivalizando na perfeição e qualidades dos papeis que emprega.

N'esta casa encontra-se mais á venda e por preços excessivamente modicos os seguintes objectos:

Secção de Typographia

N'esta officina executa-se com a maior perfeição e rapidez, segundo os processos mais modernos da arte. Imprimen-se jornaes, livros, programmas para festividades, cartazes com typos grandes e em grande formato, participações de casamento, circulares, memoranduns, facturas para o commercio e particulares em todos os tamanhos e diferentes gostos, envelopes de carta em brancos timbrados á vontade do freguez, no as de officios, etiquetas para pharmacia, bilhetes de rifa e todos os impressos necessarios ao commercio, industria, repartições publicas, escrivães de direito juntas de parochia, contrarias e particulares.

Especialidade em bilhetes de visita para o que possui um catalogo illustrado com uma vasta e linda colleção de typos em todos os tamanhos nacionaes e estrangeiros. Ha tambem uma grande variedade de cartões brancos em todos os tamanhos e qualidades e um variado sortido em phantazia, pergaminho, linho e muitas outras qualidades onde o freguez pode escolher a sua vontade.

Os preços dos bilhetes com a impressão são relativos ás qualidades do cartão variando entre 300 até 800 reis cada cento.

Livraria.—Livros escolares de todos os autores, escriptas (Cruz e Simões Lopes), papel em todas as qualidades, louzas em todos os tamanhos e preços, tinteiros com tinta preta desde 30 reis para cima, canetas desde 5 reis. aparos, lapis desde 10 reis, tinta a retalho e todos mais objectos adequados nas escolas primarias,

Material escolar, fornece-se com execução perfeita, taes como carteiras, secretarias, cadeiras, estojos, lonzas grandes, mapps parietaes, esferas, estantes, e mais objectos pertencentes ás escolas, fornecem-se por preços muito inferiores a qualquer outra casa congenera.

Dão-se todos os esclarecimentos e preços.

Canetas de tinta, ultima novidade, a 200 240 e 300 reis, a melhor invenção,

Papel bordado para cartas amorosas, (grande sortido), envelopes bordados para os mesmos, d'esde 20 a 80 reis.

Chromos, ramos, santos, estampas, figuras de passar, cartões de dobrar, chromos de phantazia de abrir, ultima novidade, para diferentes preços.

TINTA DE MARCAR roupa, Colla-tudo, lamparinas de pau a 20 reis a caixa, e de porcelana a 40 rs., giz para alfayates, bilhar e escolas, gomarabica, prende papeis, ataches, sabonetes, borrachas para safar tinta e lapis, obréas, lapis pretos de 10 reis para cima, azul, azul e vermelho, lapis de tinta, lapizeiras com lapis e pena desde 30 reis para cima, canetas desde 5 reis a 120 reis.

ETIQUETAS em caixas a 60, 80, 90 e 100

POSTAES em côres, bro-meto escuro imitação verdadeira da photographia, o que ha de mais fino e mais moderno, que em toda a parte se vendem a 40 e 50 seis cada um são no nosso estabelecimento a

10, 20 E 30 rs.

cada um.

Collecções lindissimas em todos os gostos e para todos os preços, havendo n'este ramo um colossal sortido.

Todos os postaes de 30 reis para cima tem direito a um envelope de seda.

POSTAES

com vistas de Espozende, Fão, Apulia, e outras freguezias d'este concelho.

Cada 5 postaes 40 reis. E' um reclame.

TINTA preta, azul-preta, carmim e mais côres para escrever. Tinteiros de vidro com tinta, redondos e quadrados para o preço de 30, 40 e 50 reis, havendo frascos grandes desdes um 1/4 de litro até 1 litro, a diferentes preços.

PAPEL de seda para flôres em todas as côres, de 1.ª e 2.ª qualidade; papel affixe para illuminação, lindas cores; dito para folhagem em verde, prateado e muitas outras côres com brilho.

PAPEL almaço e fino em todos os formatos e para todos os preços; papel fino para cartas em todas as qualidades.

PAPEL PARA CARTA A 10 REIS

PAPEL de musica proprio para bandas marciaes e par-

ticulares, diversos modelos.

PAPEL de chupar tinta, em vermelho, côr de rosa, branco, verde escuro, e outras muitas côres e qualidades.

LIVROS EM BRANCO para o commercio, industriaes e particulares, havendo em todos formatos e papeis diversos e preços muitos razoaveis.

SEM RIVAL

A **140,**
160,
220 ATÉ 810

REIS

Cada caixa de bom papel com 50 folhas e 50 envelopes.

BLOCOS para calendarios.

AGENDAS de algibeira para 1913 muito portateis e uteis.

ALMANACHS Bertrand, Seculo, e todos os outros publicados para o futuro anno de 1913.

VISITEM O NOSSO ESTABELECIMENTO

Ha um grande e variado sortido de livros nacionaes e estrangeiros á venda na nossa livraria, avultando grande numero de romances de diversos auctores, obras scientificas, religiosas, politicas etc., que se vendem por preços excessivamente baratos. Ha tambem muitas obras, edições da nossa livraria, tanto litterarias como sobre o Folk-lore portuguez, as quaes constam de catalogo especial e remettemos a quem nos enviar a sua importanci

a